

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
P. e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO XIII

Melgaço 1 de Maio, de 1959

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
No 124

DUAS DATAS Prado, 25

Para a história da freguesia

Na vida do Sr. Dr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho ocorrem agora duas datas a assinalar: 70 anos de idade e 31 de governo.

Não podem elas passar despercebidas aos portugueses. Trata-se de alguém que, pelas qualidades de inteligência e carácter, visão acertada das realidades, capacidade extraordinária de realização e ardente sentimento de patriotismo, soube elevar-se muito alto entre os seus contemporâneos, e, chamado a governar, produziu trabalho de incontestável valor, a bem da Nação.

É cedo ainda para se julgar com objectividade o homem e a sua obra. A História o fará um dia. Mas quem desde já pretendesse fornecer-lhe elementos, não poderia limitar-se a apontar o que de imperfeito possa haver naquele e de incompleto nesta. A perfeição completa, absoluta, é divina. Não existe no homem nem no humano. Por isso mesmo, o verdadeiro juízo histórico louva primeiro os méritos reais dos grandes que passaram pela cena da vida e regista o que de positivo, de nobre, de benéfico deixaram atrás de si. É tanto basta para que fiquem na sombra os inevitáveis defeitos das pessoas e das coisas. Assim procederá certamente com este português, que nos últimos anos tem presidido aos destinos do seu país, prestando-lhe, incontestavelmente, relevantes serviços seja na ordem financeira, económica ou política, seja na sua vida interna ou posição internacional.

Já a Imprensa começou a anunciar homenagens que nesta ocasião lhe vão ser prestadas por entidades oficiais e particulares. Não deixará, por certo, de nelas ser focada uma faceta da sua personalidade, bem de apreciar e louvar por todos os portugueses, de qualquer credo ou preferência política. O homem que há 31 anos governa em Portugal fez sempre do Poder um serviço do público, não o utilizou em proveito próprio. Não enriqueceu, nem quebrou uma impecável linha de distinção moral.

Fazemos os melhores votos pela sua vida e saúde.

(De «Novidades», de 27. de Abril)

Dr. Júlio Evangelista

ilustre deputado por Viana

Na igreja de Santa Cristina da Meadela, realizou-se, ontem, o casamento do nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. Dr. Júlio Evangelista, deputado pelo círculo de Viana do Castelo à Assembleia Nacional, com a sr.a D. Maria Helena Molim Rumsey Gonçalves Pires, filha da sr.a D. Júlia Josefina Molim Rumsey Gonçalves Pires e do sr. coronel António Gonçalves Pires, comandante distrital da L. P.

Continua na 3 página

SECRETÁRIO DA AGRICULTURA

A convite do rev.do padre Manuel Lourenço, muito digno Abade de Fiães, visita aquela freguesia e convento histórico, no próximo dia 11 de Julho (S. Bento) o eng. Quartim Graça, ilustre Secretário de Estado da Agricultura.

A Confraria do Senhor--5

E poretza forma ouberão os prezentez estatutoz por bem feitos e acabados pello que Rogavão epedião ao Meretissimo Snr. Pr. Procurador dezta Comarca oubesse por bem deos confirmar caprovar, e mandasse cumprir e Goardar assim, edamaneira que nelles secontem, emfirmeza do que assignarão comigo Francisco Antão Mendes de Araujo Besteiro que apedião detodos o Escrevi

FRAN.co ANTÃO MD.el
DEAR.co BESTRO
P.re FRAN.co M.el P.ra
DAGAMA

Do Juiz

ANT.o + SOAREZ
ANTONIO DOMINGUES
FRANCISCO CODESSEIRA
LUIZ MORAIS

(Continua na 3.a pág.)

Sociedade

Aniversário

FAZEM ANOS: — hoje o sr. Nuno Belger Alves de San-Payo; no dia 3 o sr. Lourenço José Ribeiro de Figueiredo e Castro; no dia 4 o sr. Mimoso Lopes de Sousa Cardoso; no dia 6 os srs. Justiniano Augusto Gomes, Manuel António Esteves e Manuel José Gomes de Sousa Júnior; no dia 7 o sr. prof. Manuel Ribeiro da Silva; no dia 8 a sr.a prof.a D. Maria de Nazaré Guerreiro Ranhada, a menina Maria Rosália Anselmo Pereira de Castro e o jovem Rui Augusto Lourenço; no dia 9 a sr.a D. Lidja Belger Alves de San-Payo; no dia 12 o sr. António Esteves; no dia 13 o sr. Armando Alves; no dia 14 a sr.a D. Amélia Vieites Rodrigues, os srs. António Bento Domingues e Henrique Luís de Barros Pinheiro e o jovem Manuel Pereira Rodrigues, e no dia 15 o sr. Alípio Gonçalves.



ARCEBISPO PRIMAZ

No próximo dia 5 faz anos Sua Ex.cia Rev.ma o Sr. D. António Bento Martins Júnior, venerando Arcebispo Primaz.

Por tal motivo O felicitamos, desejando-lhe longa vida a bem da Santa Igreja e da Arquidiocese Bracarense.

SUB-SECRETARIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Em casa do nosso ilustre conterrâneo, dr. Beneditino Pereira Bernardes, em Penso, esteve, no passado domingo, o dr. Baltazar Rebelo de Sousa, Sub-Secretário de Estado da Educação Nacional.

GAZETILHA

O VINHO DO LUCAS...

Não tardaria a escurecer
E pela rua, a correr,
Um funeral ia a descer.

Súbito, o morto começa a mexer
E, teso, depois de se erguer,
Com voz cava, d'estarrecer,
Assim acabou por dizer:
— Poltrões! escusais de tremer
Porque ou me levais a beber
Daquele vinho qu'estou a ver,
Ali o Lucas a vender
Ou... da terra nenhum poder
Me fará daqui mexer!...

E mais não houve a fazer
Do que ao morto obedecer.
Pudera! não havia de ser!
Se o vinho do Lucas...
É vinho a valer!...

M.

Da Vila

Abril, 26.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Estamos chegados ao mês de Maio, o que equivale a dizer que um terço do ano está já rodado, e... de todos aqueles melhoramentos constantes do último plano de actividades da Câmara, que sabemos, ainda se não enxerga tanto como um dedo mendinho. Talvez que seja ainda cedo para começar...

Certo que ao actual Presidente, sr. tenente Fernando José Lopes, nenhuma culpa cabe por este estado de coisas, pois, como é público e notório, apenas acaba de ser nomeado para o cargo; e, já agora, neste ano — porque se vai fazendo tarde e ainda porque o recente aumento dos vencimentos dos funcionários camarários trouxe ao respectivo erário um gravame de cerca de 56 contos, gravame que há-de ser coberto com cabedal tirado da verba destinada áqueles melhoramentos — Sua Ex.a pouco poderá realizar; mas esperamos que no próximo ano, estudada a melhor forma de aumentar a receita municipal, muito poderá fazer, pois inteligência, força de querer e dotes de realizador... tem de sobejo.

Entretanto, se para já, como dissemos, pouco ou nada poderá fazer no tocante a melhoramentos públicos, parece-nos, poderá meter na ordem os «Empatas, Empeçilhos & C.» sempre que estes surjam com suas paixões doentias ou críticas tolas, a entravar o bom andamento da república municipal. Isto, sim, parece-nos que pode e deve ser feito; e também nos parece que fazendo-o, Sua Ex.a prestará um grande serviço ao concelho e ao seu povo.

A bon entendeur... Ora, pois!...

Crispino

* * *

De dia para dia, Melgaço muda sua fisionomia... — Por toda a parte e constantemente, se vêem surgir novas e lindas moradias, quase sempre levantadas com dinheiro dos emigrantes, o que muito embeleza e enriquece o concelho.

Nesta Vila e no Largo Hermenegildo Solheiro, junto à residência paroquial, também o nosso amigo sr. Manuel Nunes de Castro vem erguendo uma casa nova, que uma vez concluída muito há-de aformosear e valorizar aquele local.

Futebol — Em visita de retribuição, deslocou-se, no pretérito dia 5, a Vila Nova de Muía, P. da Barca, o «Sport Clube Melgacense», onde, em desafio amigável, defrontou o grupo local e onde venceu por 3-1.

— Também, no passado dia 12, com assistência razoável e vento algo impertinente, o mesmo grupo local recebeu, no campo do Monte de Prado, a visita do «Cruzadores de Panzenras» de Gondomar, do qual se esperava melhor e mais resistência, mas que desiluiu, porquanto retirou vencido pelo desnivelado «scor» de 6-1.

— No dia 19, o «Sport Clube Melgacense», também em visita de retribuição, se deslocou a P. de Coura, onde jogou com o seu homónimo «Courense», ganhando pela diferença mínima 1-0.

— E hoje, no campo do Monte de Prado, realizou-se outro desafio amigável entre o grupo local e o «Barca Atlético Clube», de P. da Barca, cuja vitória, para não quebrar a tradição, coube ao primeiro por 5-1.

Resumindo: num mês, o aguerrido grupo local disputou quatro desafios, dois fora e outros tantos em casa, obtendo quatro vitórias. Bravo, rapazes!...

Se é vero... — Lemos algures que em Viana do Castelo se vendeu pescada a 145\$00 o quilo!!!... Se é vero... isto ser verdade, somos de opinião que nem só quem vendeu como também quem comprou devia ser condenado em pena maior...

Festa da Ascensão do Senhor — Dizem-nos — e, infelizmente, parece que é verdade — que este ano não se realiza entre nós a tradicional festa em honra da Ascensão do Senhor, festa tanto do agrado dos melgacenses e que, não há muito ainda, era a maior, a mais brilhante e a mais concorrida do concelho, cujo dia este escolheu para seu feriado municipal.

Enfim, as coisas úteis e as belas tradições, tudo acaba em Melgaço; sem dúvida, sinal dos tempos...

O açúcar — O açúcar farelo... perdão, o açúcar amarelo (areado corrente) sumiu-se de tal maneira que nem com a lendária lanterna de Diogenes se topa à venda no mercado da nossa praça, de modo que agora quem quiser temperar a cevadê ou a chicorê tem que recorrer ao açúcar branco. Claro que isto à classe dos eleitos não faz absolutamente

Continua na 3.ª Página

Rouças, 27

No passado dia 17 do corrente, foi a enterrar no cemitério desta freguesia, o nosso bom amigo, Sr. Manuel Rodrigues, do Porto, que, de há uns tempos para cá, se encontrava bastante mal.

O Sr. Rodrigues foi um grande trabalhador, na sua arte de pedreiro, sendo muito estimado pela sua seriedade e o seu funeral foi muito concorrido. A sua inconsolável esposa e filhos e a toda a família o moço sendo muito pesar. Aos queridos leitores, pedimos a caridade de uma oração pela sua bela alma.

Ontem, domingo, foi baptizada uma menina, filha do moço estimado conterrâneo, José Esteves, digno guardafiscal e de sua esposa, D. Laurinda, do lugar da Eira, desta freguesia.

A neo-baptizada, os nossos votos de muitas felicidades.

Foram padrinhos os Srs. António Vasques Pinto e sua esposa de Chaviães.

— Na passada quarta-feira, realizaram o seu casamento, na nossa igreja paroquial os Srs. António Joaquim Gonçalves e a menina Maria Rosa Lourenço, do lugar da Aldeia.

Foram muitos os convidados, que tomaram parte no acto religioso e depois se associaram ao repasto, que foi muito abundante e primorosamente confeccionado.

Entre os vários convidados, vimos os Srs. padres José Marques, e o Sr. P.e Manuel Lourenço, dignos abades de S. Paio e de Fiães, ambos primos da noiva.

Foram padrinhos, por parte do noivo, que é do lugar dos Crastos, de Paderne, o Sr. Claudino Rodrigues e Ex.ma Esposa, conceituados proprietários em Prado e, por parte da noiva, os Srs. António Rodrigues e sua esposa, dos Perses, desta freguesia, e benquistas comerciantes na cidade de Manaus, no Brasil.

Os noivos retiraram depois de carro, para Braga em gozo da sua lua de mel. Desejamos-lhes muitas felicidades, que bem as merecem, pelas suas boas qualidades.

E está outro casamento para se realizar, mas, para já, não temos autorização de o dizer, o que certamente sucederá no próximo número.

E por hoje, ponto final.

CHAVIÃES, 24

Sociedade dos Herdeiros da água do Ranhadoiro. — Com a fundação da sociedade dos herdeiros da água de Ranhadoiro que teve lugar pelas 14 horas do dia 16 deste mês vai, graças a Deus e aos homens de boa vontade, começar uma nova era de grandeza e progresso, pois as nossas terras de cultivo vão ficar com água suficiente para produzir mais e melhores frutos, o que até agora não acontecia por muito importante para nós, não só no aumento de produção agrícola mas também na economia, e ainda ficará a nossa freguesia a gozar de melhor reputação porque era considerada das mais pobres do concelho. Como já é do conhecimento de todos nós, foram eleitos para dirigir a nossa jovem associação três pessoas da nossa melhor sociedade, grandes amigos e baírristas locais, cheios de coragem e boa vontade para levar a bom termo este nosso importante melhoramento. São eles: presidente, senhor Anibal José Alves, rico proprietário, residente no lugar da Portela, secretário o nosso rev.do pároco, e vogal o senhor, Manuel Ribeiro Coelho, funcionário superior da nossa repartição de finanças e também grande proprietário.

Como vimos são pessoas competentíssimas e que ao progresso desta sua e nossa freguesia vão dedicar todos os seus esforços. Eu peço a todos que se unam à sua volta a fim de os coadjuvar, pois para isso temos obrigação e tudo será conseguido, em nosso proveito, e dentro de pouco tempo todos terão água para as suas necessidades agrícolas. Para substitutos foram nomeados, também, os senhores: Augusto José Pinto, proprietário, Alvaro Gomes, comerciante e Antero Afonso, também proprietário que no caso da sua cooperação ser precisa esforçar-se-ão por bem cumprir a sua missão, pois são também pessoas conhecedoras das necessidades desta sua e nossa terra.

Daqui em diante já temos quem nos dê as necessárias informações acerca do andamento deste problema de capital importância para nós, e, para isso, quem precisar dirija-se à respectiva direcção que será prontamente atendido.

As respectivas obras depois de resolvidos pequenos nada burocráticas começarão brevemente a fim de ver se ainda este ano regamos com mais água. O primeiro sector das obras a realizar será no percurso dos prados ou pelos, pois é lá que todos os anos se perde grande quantidade de água em virtude da nenhuma segurança que a actual presa oferece.

(Atrazada)

Festa da Páscoa e visita Pascal — Foi comemorada nesta freguesia com excepcional brilhantismo e grande espírito cristão. Já na quinta-feira Santa, pelas 17 horas, o nosso rev.do pároco celebrou a Santa Missa, com a assistência da quase totalidade dos paroquianos, abrilhantada com a allocução referente áquele santo dia. No sábado da Alélua, pelas 0 horas para o domingo, realizou-se também a santa Missa com outra admirável allocução alusiva à Paixão, Morte e Ressurreição de N. S. J. Cristo, com a bênção da Pia Baptismal na devida altura. No domingo de Páscoa, depois da S. Missa, pelas 10 horas, seguiu-se a visita pascal segundo o costume e conforme programa traçado pelo nosso rev.do Pároco e que agradeceu a todos os seus paroquianos. Não obstante à muita chuva que caiu, ele não se esquivou a sacrificios para bem nos servir com toda a amabilidade e nisso lhe estamos muito gratos. Na segunda-feira, após a Santa Missa e à mesma hora continuou a visita do Senhor, a nossas casas com a assistência do nosso rev.do pároco, sempre com aquele agrado que lhe é peculiar.

Também agradecemos ao digno Seminarista que a partir do meio dia de segunda-feira completou a visita Pascal (pois o nosso rev.do pároco teve que ir com iguais funções para Remoães, freguesia esta que lhe está encomendada) a maneira gentil e agradável com que nos atendeu e que eu não tenho a honra de saber o seu nome para aqui o registar.

Ainda o nosso fontanário do Fundão — A dig.ma Câmara Municipal já verificou a necessidade do res-

(Continua na 3.ª página)

Peregrinação

NACIONAL AO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FATIMA

de 9-13 de Maio de 1959

PROGRAMA

Tríduo preparatório

9, 10, 11

As 8 — Na Basílica — Missa cantada, com breve homilia.

Durante o dia, confissões.

As 21 — Exposição do Santíssimo Sacramento, terço, pregação, bênção.

Na Capelinha — a seguir — Salve Regina, cantada.

Nota: Estes actos serão, transmitidos por Rádio Renascença.

Dia 12

As 6 — Saída da peregrinação de penitência à Loba do Cabeço e aos Valinhos. Missa campal nos Valinhos e comunhão.

Durante o dia, confissões no Santuário.

As 18,30 — Missa rezada.

As 22,30 — Terço com ladainha cantada — Procissão das velas.

Dia 13

A meia noite — adoração nacional no altar, ao alto da escadaria.

Da 1 às 6 — adoração por grupos de peregrinações.

Nas capelas das casas dos retiros e do Hospital novo, adorações para peregrinos de língua estrangeira.

As 6 — bênção do Santíssimo Sacramento.

As 6,30 — Missa da comunhão geral.

As 10 — terço, procissão com a imagem de Nossa Senhora, só com bandeiras, Associações uniformizadas e clero de vestes corais.

As 11 — Missa cantada de Pontifical, homilia, consagração ao Imaculado Coração de Maria, bênção dos doentes e a todo o povo. Procissão de regresso.

As 16 — Solene procissão com a imagem de Nossa Senhora até ao fundo da esplanada e despedida, à partida para Lisboa.

Da Vila

Continuação da 2.ª página

diferença alguma, mas já não é este o caso das classes menos remediadas.

Em suma, mais outro sinal dos tempos...

O tempo e a agricultura—Depois de 4 ou 5 dias de sol—até hoje,—os únicos deste mês...—voltou, novamente a chuva. Os violentos temporais dos dias 15, 16 e 17 causaram estragos consideráveis, especialmente na chamada fruta de caroço—ameixas, cerejas, pêsegos, etc., que se pode considerar colhida... E, por este motivo, os trabalhos agrícolas estão atrasados em cerca de quinze dias.

—Agora, aos interessados, lembramos que em Maio podem semear:—abóboras (x), agridões, aipo, alho-porro, alfaces, beterrabas (todas), cenouras, couves diversas (especialmente couve-flor e bróculos), espinafres, ervilhas, feijões, melancias (x), melões (x), mostarda, pepinos (x), rabanetes e salsa. Nas terras de regadio, continua a plantação de batatas; semeia-se milho e feijão; enxofração e sulfatagens das vinhas e batatais, e, nas hortas, frequência de regas e sachas.

—É preciso vigiar os vinhos, tendo sempre à mão um antifermento em condições para os robustecer.

(x)—Só nos primeiros dias do mês.

**

Maio hortelão muita palha e pouco pão.

Prado 25

(Continuação da 1.ª página)

ANT.º GOMES DE ARO
PEDRO CAET.º DE FONTES
MANUEL CAETANO GOMES

De
LUIZ + ALZ. SARM.º
DIOGO LUIS GLZ. CHAVES

JOÃO ROIS SOARES
BELCHIOR JOZE DA COSTA

MANUEL JOZE MONTEIRO

DOMINGOS ANTONIO DOSOUTO

MANUEL ESTEVES FRANCISCO GONÇALVES

PEDRO GOMES

JOÃO DOS SANTOS DE SOUZA

MANUEL LUIS GLZ. SOUZA

COSTODIO RIB.º MIGUEL ANTONIO DE SOUZA E CASTRO

MANOEL MONTEIRO

LUIZ MANOEL ALZ

MANOEL JOZE GOMES

JOÃO MANOEL FERNANDES

MANOEL ALVARES

JOZE LUIS GOMES DE ABREU

MANOEL JOZE GOLIZ LOURENÇO JOZE PINHR.

MANOEL JOZE GOMES

JOÃO LUIS DEAR.º

JOÃO LUIS FR.º

JOÃO MANOEL LOURENÇO

BERNARDO (...?)

LOURENÇO JOZE GONÇALVES

CAETANO JOZE ESTEVES

LUIZ MANOEL MONTEIRO

DIOGO LUIS GOMES

MANOEL LUIS GLZ.

FRANCISCO MANOEL DE SOUZA

JOAQUIM JOZE GONÇALVES

LUIZ JOZE DOMINGUES

JOZE ANTONIO PINHR.º

FRANCISCO JOZE FR.º

BERNARDO JOZE DURAINS

DUARTE ESTEVES

MANOEL ALVARES

JOZE ANT.º GOMES MELEIRO

JOÃO MANOEL AFONSSO

JOÃO MANOEL DOSOUTO SALGADO

P.º LOURENÇO DURAENS

De
FRAN.º + JOZE LUIS CAET.º FRZ.

O P.º JOZE ALZ (DE CASTRO?)

JOÃO MANOEL ROIS PALHARES.

(Continua)

—No lugar de Ferreiros, anda em reconstrução a casinha do nosso amigo Guilherme António Alves de

(Continua na 4.ª página)

Dr. Júlio Evangelista

(Continuação da 1.ª pág.)

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua tia, s.ra D. Carmen Molim Rumsey de Noronha e Távora e seu pai; pelo noivo, a s.ra D. Maria das Neves Rebelo de Sousa e seu esposo, sr. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, Subsecretário de Estado da Educação Nacional. Celebrou missa o pároco da Meadela, rev. Albino de Miranda, tendo presidido à cerimónia nupcial o rev. Dr. António Alves de Campos, assistente nacional da Mocidade Portuguesa, organização da qual o noivo é dirigente. No momento próprio, o sacerdote pronunciou uma brilhante prática alusiva aos deveres matrimoniais.

Entre centenas de convidados viam-se os srs. general Cotta Moraes e esposa; Dr. Augusto Cerqueira Gomes e esposa; Dr. Cerveira Pinto e esposa; Eng.º Reis Faria, governador civil do distrito e esposa; António Santos da Cunha, presidente do Município de Braga e esposa; Dr. Peres Rodrigues e esposa; Dr. Fonseca Jorge, Pedro Correia Marques, director de «A Voz»; Dr. Caetano Beirão e esposa; D. Luís Noronha e Távora, esposa e filhos; Dr. Pereira Bernardes, Ramiro Ribeiro, Dr. Elmano Alves e esposa; Dr. António Barbosa Leão, etc..

No final da cerimónia foi servido um copo-d'água aos convidados, na residência dos pais da noiva.

Nos jardins da casa dos pais da noiva, o rancho folclórico de Meadela, de que a noiva é madrinha, fez uma exibição dos melhores números do seu primoroso repertório, que mereceu vivos aplausos de todos os convidados. No final, um «vira» geral juntou na mesma celebração folclórica os convidados e o rancho.

Foram recebidos muitos telegramas de felicitações, entre os quais dos srs. Arcebispo de Braga e Ministro das Obras Públicas, e de muitas outras personalidades, de artistas, de jornalistas, etc..

(De «A Voz»)

**

Ao querido amigo, que na Assembleia Nacional tanto tem pugnado pelos interesses da região, como ainda recentemente na sua calorosa intervenção sobre o rio Minho, repovoamento e pesca, um abraço, com votos de uma peregrina tua de mel.

CHAVIAES, 24

(Continuação da 2.ª página)

tauro deste fontenário lavadouro e bebedouro para animais. É claro que está em mau estado e é pena porque além dos muitos prejuízos que está a causar aos que dele se servem é também histórico, visto lá ter ao cimo da bica e em letras magnificamente desenhadas uma inscrição numa lápide, que condiz com outras que estão na padieira da porta da entrada da residência paroquial, mas esta tem apenas a data de 1708. Ora olhando que a nossa Restauração foi em 1640 há apenas a diferença de 68 anos e quem sabe se os seus autores tomaram parte na nossa independência. Isto é caso para estudo para quem tiver os respectivos alfarábios. Mas levando em conta o seu local, pois está próximo da estrada, é bom que ali se faça um restauro condigno. Bem sei que atendendo apenas às necessidades do povo, podia ser uma obra tosca, embora segura; mas o local em que está colocado este fontenário, exige coisa melhor. Seja como for, esperamos que quem de direito faça as indispensáveis obras; e nós desde já lhes ficamos muito agradecidos.

—Apareceram aqui umas listas para angariar assistências de apoio ao grande restaurador Ex.mo Sr. Dr. Oliveira Salazar, pois o bom povo desta freguesia foi, é, e será sempre por Salazar que ninguém como ele e seus dedicados colaboradores souberam dar tanto prestígio e bem estar ao nosso país. Aqui fica registada a elevada consideração que temos por ele.—C.

Por Santa Rita

Abril, 29.

Vai realizar-se a festa de Santa Rita nos dias 17 e 18 do mês de Maio, conforme o programa que a seguir se publica.

Esperamos que seja uma grande festa, como convém. Sobretudo, uma grande festa religiosa, ao serviço de Deus e de Santa Rita.

Os homens, que andam a construir os terreiros e depois a casa da mesa, por cá estão, mas o tempo é que tem estado bravo e impróprio para grandes comprometimentos. Mas depois do inverno, chega o verão. Confiemos.

As ofertas também continuam a subir, graças a Deus e no próximo número daremos notícias de todos os que aqui as fizeram chegar.

Os queridos amigos vão tomando nota e prepara-



Formoso templo levantado a Santa Rita pelo povo de Melgaço

rem-se para estarem por aqui nesses dias de festa, pois gostamos de ver todos os nossos amigos e benfeitores.

E então até aos próximos dia 17 e 18, se Deus nos ajudar. Do tempo, é claro, não se faz caso. Coragem e subir.

Eis o programa:

De 10 de Maio a 17, novena cantada, com sermão todos os dias, às 19,30. Pela manhã, às 6,30, a santa missa.

No sábado, 16, pelas 19,30, começo do tríduo, pregão pelo rev. Benjamim Salgado, consagrado orador sacro, de Vila Nova de Famalicão.

No domingo, 17, às 8,30, entrada da Banda de Riba-do-Mouro, na vila de Melgaço, seguindo dali para os terreiros da S. Rita.

As 11,30, missa solene e sermão, pelo referido orador.

De tarde, leilões e concertos pela banda. As 17,30, grandiosa procissão e novena cantada e pregações.

Segunda-feira, 18, às 8,30, entrada das duas bandas nos terreiros de S. Rita. As 11,30, missa solene, grande instrumental e sermão.

Por Paderne

DOENTE: — Tem estado bastante mal de saúde o nosso bondoso e querido pároco Rev. do António Domingues Amigo.

Que logo se restabeleça são os votos sinceros que fazemos.

— Em virtude de o nosso bondoso pároco se encontrando doente, tem celebrado missa dominical, o nosso particular amigo Rev. do P. e José Marques, da vizinha freguesia de S. Paulo.

— APARECIMENTO DE UM CADÁVER: — No dia 2 do mês de Abril findo, apareceu a boiar no rio Minho, nas proximidades do posto da G. F. de S. Martinho o cadáver de Eduardo da Silva (o Tourão), casado de 38 anos de idade, que foi do lugar da Costa de Soutra.

O infeliz havia 15 dias que fora amarrado a pesqueira «Pombeiros», cerca do posto da G. F. de S. Marcos, e em tão má hora que caiu

Prado 25

(Continuação da 3.ª página)

Melo. Sobressai de todas as que a rodeiam, pelo que uma vez pronta seria mais uma nota de alacridade naquela aglomeração.

ao rio, nunca mais foi possível avistá-lo. Houve ainda quem afirmasse que o indiano tinha ido clandestinamente para França, o que infelizmente se não confirmou com o seu aparecimento.

Como se não tratasse de crime e havia muito tempo que o mencionado Eduardo se tinha afogado, as autoridades consentiram que no mesmo dia se realizasse o seu funeral que foi muito concorrido, devido à estadia em que o mesmo era tido.

Paz à sua alma e à família enlutada os nossos sentimentos. — C.

Pinceladas... subtis!

Vinha de lá das Américas distantes Forto de ver pulcras terras, e oceanos! De Nov'York os celebérrimos gigantes, E de todo o mundo, as cousas importantes, Contemplara sem cessar, compridos anos.

Da velha Europa as cidades já contava, No album extenso de recordações! E de virgem Afric'nda se lembrava, Dos tempos idos em que esquadrihava, Nas penumbras misteriosas dos serões!

O outrora já do Oriente conhecera, O sorriso enigmático e profundo! Onde mais tempo porém permanecera, Onde durante mais anos já vivera, Tinha sido no recente novo mundo.

P'lo peso dos anos, agora curvado, A sua terra c'os cobres regressava! E c'o modo por aqueles muito usado, Que tem dinheiro e algo viajado, No saber como um doutor já se julgava!

O João XXIII já foi escolhido Dizia ele a um certo companheiro! Dos papas, os nomes todos tenho lido, Muitos também, ideles, tenho já ouvido, Mas João chamado, est'é ainda o primeiro.

Caralse,

Pela manhã: vindos de todo o concelho e terras limítrofes, aqui subirão milhares de fiéis a rezar, e a depor as suas ofertas junto da veneranda imagem de S. Rita.

Vários sacerdotes atenderão de confissão todos os fiéis que desejarem. Numerosas e piedosas comunhões!

Pelas 11,30, missa solene a grande instrumental e sermão pelo rev. Benjamim Salgado. Grandiosa procissão!

Durante o dia, actuarão as duas bandas de música, de Riba do Mouro e Tangil,

— Com sua gentil sobrinha, menina Rosa dos Anjos, está na sua vivenda de Santo Amaro o Excmo Sr. Alípio Gonçalves. Muito boas vindas.

— Regressou da Maia a s.ra Beatriz Mendes Pinto.

— Também regressaram de Lisboa os srs. José Eugénio Gonçalves Pereira e seus filhos.

— Por promessa de um seu devoto, seguiu para Braga, afim de ser restaurada e pintada, a imagem do taurinuro Santo António da paróquia. Pena é não aparecer outro devoto que proceda da mesma forma para com a imagem do Paderneiro, cujo estado de conservação muito deixa a desejar.

Aos pratuenses de boa vontade, aqui fica, pois o apelo.

— Tive o prazer de cumprimentar nesta o nosso amigo sr. Indalécio Fernandes, filho do falecido Gualdino, que, de França, veio passar escassos quinze dias a Remoães, devendo regressar a Paris já depois de amanhã. Boa viagem e felicidades é o que muito lhe desejo.

— E não se esqueça o meu prezado leitor que é já no próximo dia 18 de Maio que em Vilela — aquele lindo e pitoresco miradouro — se há-de realizar a sempre concorridíssima romaria em honra de Santa Rita — a Santa dos impossíveis.

Não falte, pois, o leitor ali com a sua indispensável ajuda pecuniária, para vermos, quanto antes, acabada aquela grandiosa obra que ali se vem realizando.

E, a propósito, ocorre-me sugerir a quantos tenham feito ex-votos de mortalias, cera velaça, etc. etc., que não levem nada disto, mas tão somente o seu valor em dinheiro. E' mais prática, dá menos trabalho e rende mais. — C.

AÇUCAR DE MALTE

PARA SALVA-VIDAS

portugueses

Uma companhia de navegação portuguesa vai receber de Inglaterra grande quantidade de açúcar de malte para armazenar nas baleeiras dos seus paquetes.

Como se sabe, o açúcar de malte tem grande poder nutritivo, é muito fácil de armazenar e não se deteriora.

Os serviços de socorros a naufragos, na Grã-Bretanha, utilizam este produto, e muitos navios britânicos dotam com ele as suas baleeiras,

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
P.e JÚLIOHILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista
Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO XIII

Melgaço, 15 de Maio, de 1959

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N.º 185

Acontecimento Nacional

Uma estátua enorme, sobre um pedestal grandioso, ergue-se, de braços abertos para a Capital, e, consequentemente, para o Império Português.

No próximo domingo inaugura-se, em Almada, o monumento a Cristo-Rei.

É o braço de amor, com que um Pai quer estreitar ao Seu peito, os filhos da Pátria Lusa, os quais Lhe rendem homenagem sentida de adoração, de respeito e de afecto.

Grande acontecimento é este, para a vida da Nação: vida religiosa e vida política.

Não é em vão que os povos e as nações se consagram a Cristo-Rei.

Lê-se na Sagrada Escritura que, se o Senhor não guardar a cidade, os homens que a edificam trabalham em vão.

Uma nação é uma grande cidade, e Deus é o grande construtor do mundo e das cidades.

Quando o Seu espírito, isto é, a Sua verdade e o Seu amor, domina as almas e os corações, os monumentos são expressões do reconhecimento da Verdade — «só Deus é grande» — e, do amor — «e, depois de Deus só é grande a virtude».

«Portugal foi, sempre Cristão» era a divisa da exposição do Mundo Português, na comemoração dos centenários em 1940.

A coroa desse cristianismo vivido será a vida, de cada um de nós, e, colectivamente, será esse majestoso monumento.

Acresce, porém, que o monumento a Cristo-Rei é o cumprimento de um voto feito: os Bispos de Portugal prometeram erguer o monumento a Cristo-Rei, se fossem salvos da última guerra.

E assim aconteceu.

Por este motivo, ergue-se o monumento em Almada, cuja inauguração se efectuará no próximo domingo, dia 17.

Todo o episcopado de Portugal e seu império estará presente, a assinalar, realmente, que Portugal foi, sempre, cristão, e estamos certos de que o povo de Portugal afluirá a Almada para cantar e rezar:

**Cristo vence,
Cristo reina,
Cristo impera.**

E de todos os corações sairá uma súplica bem funda, que rezamos, sempre, com piedade e fervor: «Sagrada Coração de Jesus, venha a nós o vosso reino».

E a história de Portugal registará este dia como um acontecimento histórico.

Braga, 13 de Maio

Júlio Vaz

Gri... gri... gri

Até que enfim apareceu o Homem!

Não manco o meu cartão de felicitações ao Sr. Tenente Lopes, por entrar numa altura em que há tanto que fazer, e tão poucas possibilidades por bem co-

meçar; no entanto a sua nomeação para Presidente da nossa Câmara Municipal faz-me recordar uma passagem do, que em tempos, nesta secção escrevi e me originou o mais agradável passeio a Braga. Dizia eu então:

E' possível que um dia

Homens esquecidos

O Abade do Couto

Com o título e subtítulo em epigrafe, publicou, recentemente, o conspicuo diário galego «Faro de Vigo» substancial artigo firmado por Dom Maurício Troncoso Penedo, o qual, porque relata factos passados à vista de melgacenses de antanho, com a devida vénia, passo a transcrever.

«Recordam-se, enaltecem-se e glorificam-se distintas e multiplas facetas da nossa Guerra da Independência.

Os vultos de certos guerreiros apresentam-nos, reiteiramente como símbolos de façanhas, que para um sector de intelectuais se reuz a um escasso número de nomes, enquanto es

apareça o Homem que Melgaço precisa.

Essa tia, felizmente parta o concelho chegou, e já cá estava o Homem quem não precisa reclames, pois ao perto e ao largo, são bem conhecidas as suas excelentes qualidades de inteligência, actividade e rectidão.

Com essas qualidades que toda a gente de bom senso não deixará de reconhecer em S. Ex.cia, desde já ficamos com a certeza de que o caso do edificio escolar será dentro em pouco resolvido.

Como já uma vez aqui dissemos, o local mais próprio é nos campos da Calçada, próximo da garagem, pois, em virtude da direcção solar, fica o edificio com a frente para a estrada nacional, constituindo assim motivo de grande embelezamento para a nossa vila.

A pousada, último impelchilo, fica melhor em Rouças ou Fiães, a caminho de Castro Laboreiro, última localidade turística do nosso concelho, e ambas aquelas freguesias são servidas pela estrada florestal.

Parabéns ao concelho por ter na Câmara o Homem que há muito lá devia estar.

GRILLO

quecem ou descoñhecem o prestado a esta causa por um grande número de bravos patriotas, verdadeiros artifices e pilares que tornaram possível a nossa vitória sobre os inimigos da Pátria e do Rei.

Uma dessas personagens talvez a mais saliente de entre os innumeráveis guerreiros que lutaram contra os franceses, e a quem se deve em grande parte a libertação da provincia de Tui, é Dom Maurício Troncoso de Lira y Sotomayor;

Abade de Vilar de Crescente do Couto, o qual tendo apenas começado com um punhado de moços seus fregueses, pronto reuniu uma grande, disciplinada e aguerrida hoste.

Foi, sem dúvida, o que mais contribuiu entre os seus compatriotas para a causa da nossa independência, levantando contra os franceses as comarcas do Minho, Teo e Louro.

Quando a Galiza era vi-

(Continua na 2.ª página)

GAZETILHA

A aura do «Hotel Ranhada»
Há muito qu'está criada...!

Tens diabetes? Camarada!
Ou a bilis detracada?...
Não te rales mesmo nada
que tens cura assegurada
Indo ao Pêso de jornada
E se, em toda a temporada,
Te hospedares no «Ranhada»,
Onde, por diária moderada,
Terás tua roupa bem cuidada,
Mesa fartá e variada,
Com ou sem dieta regrada;
Bons apartamentos sur Pestrada,
Cama fôfa, limpa e essecada,
Água no quarto encanada,
Fresca sombra d'esplanada
E convivência requintada...!

M.

Vai ser transferida para Melgaço a Farmácia de S. Gregório?

S. GREGÓRIO, 12. — Consta que foi pedida a transferência da velha Farmácia desta povoação, em funcionamento há mais de 50 anos, e que tantos e bons serviços prestou e presta à população de Fiães, Cristóval e Paços, especialmente.

São beneficiados por ela à roda de 4.000 pessoas e num tempo como o de hoje, em que tanto se fala de medicina social e da necessidade de instalar Casas do Povo em toda a parte afim de conseguir que a população possa, com o mínimo de despesa e encómodo, ter à mão remédios e médico, não se compreende a ideia da transferência da Farmácia, tanto mais que outros motivos desaconselham a mudança e são, parece-nos, razões de peso.

(Continua na 2.ª página)

A Farmácia de S. Gregório

Continuação da 1.ª página

S. Gregório tem progredido imenso. Com a abertura da fronteira e ponto obrigatório de passagem para Espanha, ainda mais progredirá. Até agora dispunha dum médico natural daqui e que atendeu, enquanto pôde, a população das 3 freguesias. As condições de hoje, insistindo pelo alargamento da assistência médica a toda a gente, aconselham a que ou se instale aqui um médico da Câmara ou a que venha aqui dar consultas uns dias por semana.

Sendo assim—e não tardará que qualquer médico, desejoso de ser útil e de fazer clinica num meio onde tem o pulso livre, para aqui venha...—como se explica o desejo de mudar a velha farmácia, criando, assim, enormes dificuldades à população, que terá de percorrer quilómetros para ser atendida?

E em casos urgentes? Para que obrigar os habitantes—e repita-se que são 4.000— a ir de noite, ao vento e ao frio, até à vila, quando podem e devem ser atendidos aqui?

Acresce que a proprietária da farmácia casou e mudou para Ponte da Barca. Quem pretenderá a transferência e virá a ganhar com isso, dado que o público nada lucra, antes, como já vimos, só é prejudicado com a medida, caso vá por diante?

E será apenas para auferir lucros com a venda de produtos aos naturais de Melgaço?

Será possível que as circunstâncias se tivessem mudado a tal ponto, que agora dê lucro o que há anos aconselhavam os proprietários a fugir a encargos que os prejudicavam?

Como se sabe, havia na sede do concelho 3 farmácias— a Araújo, a Barreiros e a que hoje é do sr. Dr. João Durães.

A proprietária da Araújo preferiu encerrá-la e receber vencimento certo como gerente técnica duma farmácia em Ponte da Barca. O proprietário da Barreiros resolveu vendê-la e quem lá trabalhava, porque tinha o 7.º ano do Liceu, resolveu tirar o curso da Escola do Magistério e abandonar a farmácia. Ficou apenas uma e essa dá para o proprietário viver modestamente.

Por isso, preguntamos: se a farmácia desta localidade faz falta; se a proprietária resolveu ir para Ponte da Barca; se as 3 farmácias da sede prejudicavam os interesses dos proprietários, quem andar interessado, ao mesmo tempo, em criar dificuldades à população—4.000 habitantes— de 3 freguesias—e em prejudicar o proprietário da actual farmácia?

Apelamos para o Senhor Ministro da Saúde, convictos de que o assunto será estudado com o carinho, que ele sabe pôr em todos os problemas que lhe vão à mão.

Oxalá, possamos dar em breve a notícia de que a farmácia continua nesta localidade e de que as pessoas que desejam transferi-la para Melgaço, resolveram mudar de ideias preferindo abrir uma em Castro Laboreiro ou em Lamas do Mouro onde seria muito útil e onde até seria caso para se lhes levantar uma estátua como benfeitores das populações daquelas freguesias.—P.

A CARTA

que as tuas mãos preparam virá sem sombra de dúvidas um dia qualquer alastrar o som do campo

(seu fim é breve se na ausência do ideal retido)

uma só vez ao menos pinta-lhe a paisagem que queremos sem o mesolítico primaveril das coisas impossíveis mesmo que isso te custe resmas de papel e pedaços de alma e unhas de nervos nas mãos

onde o vazio negado tem mais verdade de nós

Depois veste a calma de deusa nunca perdida

e vem de novo—o beijo selado—

nessa carta tão simples de um dia

qualquer

1959

Alberto de Castro

Homens esquecidos

(Continuação da 1.ª pág.)

Uma das atrocidades do Marechal Soult, o Abade do Couto foi o primeiro a levantar-se, contendo com um punhado de bravos da sua freguesia o poderoso exército francês que se encaminhava para o Norte de Portugal.

As pontes de Mourmentão, Estimoriz, Tain e Achas, foram os primeiros redutos, onde as forças francesas, entre os dias 15 e 18 de Fevereiro de 1809, conheceram a destruição e a morte.

Partindo de um reduzido grupo de patriotas, formou um exército de oito mil homens que comandou com o título de Caudillo dos Patriotas do Minho e com o qual, em 12 de Março do referido ano, se dirigiu à cidade de Tui libertando-a alguns meses depois, após victoriosos encontros com as tropas francesas comandadas pelo general Martinier, a quem derrotou nos lugares de Pontelas, Guilharai e outros.

Quando sitiava a capital, recebeu das mãos de D. Manuel Acaña e de D. Paulo Murillo, que para o efeito foram enviados como emissários especiais pela Suprema Junta Geral do Reino, a nomeação de General dos Patriotas do Minho. E neste mesmo período foi também nomeado vogal da Junta de Lobeira.

Venceu os franceses que Soult enviara em socorro da cidade de Vigo, tornando possível a libertação desta praça e para a qual se encaminhava posteriormente com todo o seu exército e onde foi recebido triunfalmente como libertador da província de Tui.

Daqui, com uma hoste numerosa, e com D. Paulo Murillo e o brigadeiro Carreira, encaminhou-se para a cidade de Santiago, ocupada por uma divisão do general Ney, à qual derrotou na madrugada do dia 23 de Maio, a pesar das fortificações que as tropas invasoras haviam levantado nos bairros suburbanos da cidade do Apóstolo.

Conselheiro do marquês de la Romana e do mossó monarca, sobre os problemas que a pacificação da Galiza tinha apresentado aos Governos daqueles anos.

Para terminar este resumo, escrito no que foi seu solar apalaçado, sobre as mesmas pedras em que assentam gravadas as armas deste «Caudillo-Abade», Nobre, e Senhor por nascimento e méritos próprios, cujo Osso e Tronco são um sim

(Continua na 6.ª pág.)

Da Vila

Maio, 10.

Eccce iterum Crispinus...

Novamente nos escreve o sr. A. Vergalho, em cujo escrito o mesmo Senhor faz certos reparos e considerações sobre a ou não utilidade dos Grémios da Lavoura em geral e em particular sobre a do Grémio local.

Muito embora, em parte—só em parte—concordemos com o modo de ver do sr. A. Vergalho, que este nos perdoe por não publicarmos aqui na integra as suas considerações. E se agimos assim é tão somente porque temos para nós que estes organismos foram criados para defesa dos interesses dos respectivos ramos, sendo a sua legislação elaborada na melhor das intenções.

Que «... eles (grémios) nem sempre satisfazem o fim para que foram criados, e não raras vezes a sua acção em prol da lavoura é nula ou de pouca utilidade...»

A nosso ver, na maior parte dos casos, isso deve-se à incompetência das pessoas escolhidas para gerir estes organismos, quase sempre indivíduos teóricos, mas que da prática não pescam patabina; pois, muito embora sejam proprietários, não são, por assim dizer, lavradores, já que se lhes meterem uma charrua nas mãos... não têm pulso para ela e, o que é ainda pior, não são capazes de abrir um sulco em condições; e, noutros casos—e este talvez seja o caso do Grémio local—o seu marasmo resulta do meio pobre e consequentemente do reduzido número de associados.

«... que os grémios não pagando certos impostos nem certas contribuições, podem muito bem vender mais barato os seus artigos, fazendo, assim, concorrência desleal ao comércio em geral...»

Não sabemos se isto será assim; mas, no caso afirmativo, bom seria que quem de direito os colectasse, pois lá dizia o tal sapateiro: — «haja moralidade ou senão... comam todos!»

Que «... com as quotas que os respectivos associados, sob pena de verem os seus parcos haveres postos em almoeira, são obrigados a concorrer para o Grémio teriam a competente compensação para adquirirem o sulfato e o enxofre talvez a preço mais baixo do que o que estes organismos estão fazendo...»

Também neste ponto não sabemos se será assim e como não sabemos... não fazemos comentários.

Em conclusão, sr. A. Vergalho: Quanto a Grémios, repetimos que os mesmos foram criados com a melhor das intenções. Certo que também nós concordamos consigo quando diz «... que ninguém devia ser coagido a inscrever-se neles (grémios) e só o faria quem livremente assim o quizesse». Está certo, mas... se assim fosse, pelo menos para o Grémio local, era um dobre de finados, pois é de crer que os associados que nele ficassem talvez se pudessem contar pelos dedos de ambas as mãos.

Crispino

A gripe—Com este tempo incerto, que mais parece de inverno do que de primavera, tem sido numerosíssimas as pessoas coagidas a aleitar-se devido à gripe. Geralmente, com dois ou três dias de cama o mal passa, mas há casos em que o mesmo se mostra renitente.

Festa da Ascensão—A última hora—e em boa hora— a pedido do nosso rev. Abade, uma Comissão constituída pelos srs. António de Sousa, Fabiano de Jesus da Costa, João de Almeida e Rodolfo Amadeu Fernandes e pelas meninas Armanda Vilas, Graziela Maria Fernandes, Maria Olinda de Almeida e Maria Susana Fernandes, levou a efeito, na pretérita quinta-feira, a tradicional festividade em honra da Sr.ª da Orada e da Ascensão do Senhor.

Muito embora esta resolução tenha sido tomada de afogadilho, a festa resultou brilhante e muito concorrida. Assim, nas véspera, teve lugar uma grandiosa procissão luminosa para acompanhar a veneranda imagem de S.ta Maria da Orada da sua histórica capela para a igreja matriz, e no dia, pelas 11 horas, nesta igreja, celebrou-se missa solene a grande instrumental, tendo no momento próprio subido ao púlpito o rev. Abade de Chaviães, que proferiu brilhante sermão. Pelas 15 horas saiu uma imponentíssima procissão para a capela da Orada, donde regressou ao cair da tarde.

Abrilhantaram esta festividade a «Cabine Sonora Melgacense» e a música de R. de Moura, e teve muito fogo e boa concorrência de forasteiros, estando por tudo isso aquela Comissão credora de todos os elogios e parabéns.

(Continua na 5.ª pág.)

POR S.ta RITA

Prado

Continuação da página 6

Começamos mais outro capítulo, na história de Santa Rita.

E há tanto que fazer, que nos apetece repetir com o clássico: «ars longa, vita brevis».

Eu não sei se se recordam: isto em Santa Rita, ainda ontem, a bem dizer, era quase nada, uma capelinha pequena, tosca, incapaz de recolher os numerosos devotos que aqui subiam a rezar e a cantar.

E já fizemos a igreja, a nova igreja de Santa Rita. Não pode recolher também esta todos osromeiros que aqui sobem no dia da festa, mas enfim já é uma igreja maior do que muitas parquiais. E fez-se depressa, graças a Deus e a Santa Rita.

Deixamos por acabar algumas coisas que fazem falta na igreja e arredores e começamos já com as obras da nova casa da mesa, escolas e «quarteis». E lá andam uns 19 homens, cheios de boa vontade e com desejos de que esta vá até o fim.

Depois... (os Serviços Florestais fizeram-nos uma grande fineza, dando-nos uns três hectares de terreno) depois, temos de fazer a nova igreja de N. Senhora, Rainha do Mundo e de Cristo-Rei, no alto do monte.

Já vimos a planta e pareceu-nos um encanto, sobretudo a sua cruz ao alto, muito grande e muito branquinha.

E depois, ou simultaneamente, o «Lar dos Pobres». Eu já lhes contei que não fui nada feliz com a Fundação Gul-

colas de bordados, rendas, artes domésticas, etc., velinhos, se pudermos, aquela bellissima realização do Sr. P.e Américo que a todos tanto nos ensinou, etc., etc..

Mas fazer obras, aqui, tão longe de centros industriais e do comércio, num meio que até há pouco foi pobríssimo e amanhã voltará a ser, se nos falta a França, isto é que é muito difícil.

Mas o bom povo de Melgaço há-de continuar a ajudar-nos. E o bom Deus, em Quem temos postos os nossos olhos, não nos abandonará, certos de que desejamos que tudo seja para Ele.

**

Leitor Amigo, sabes que a festa é já nos dias 17 e 18? — Então vem daí. Anda!

P.e Carlos Vaz

DONATIVOS PARA S. RITA, DE JULHO DE 1958 A MAIO DE 1959

De um anónimo, 10.000\$00; De uma Senhora de Valença, 2\$50; Manuel José Fernandes Caldas, S. Paio, 100\$00; Do menino Nelson, dos Perses, mais 20\$00; De D. Rosa Fernandes, da Aldeia, Rouças, ausente em Lisboa, mais 250\$00; De Manuel Fernandes, Monte, Rouças, ao regressar da Índia, mais 150\$00; De Lucinda Domingues, de Pomares,

lê «Dr. Procurador» deve ler-se: Dr. Provedor, pois assim é que está no original e assim é que escrevi no respectivo linguado.

Para não quebrar uma tradição que se mantém inalterável desde há cerca de dois mil anos, aqui, como em todo o Minho, no primeiro dia do mês de Maio, todas as casas appareceram adornadas com flores de giesta amarela, e onde houver moça casadoira, linda grinalda de rosas pendente do balcão ou da janelinha — as maias que muita gente, na sua superstição ingénua cre ser talismão eficaz para afugentar o máfarrico, o mau olhalho e quiçandoss..

Porém os histriões — que também os há aqui e em bom número — é que, na noite de 30 de Abril para 1 de Maio, movem uma guerra sem tréguas a estas grinaldas; e, assim, a colheita que estes endiabrados este ano fizeram foi nada mais nada menos do que sete das ditas maias, com as quais adornaram a cruz pinacular do frontão da igreja parquial. Não deixam de ter sua graça estas travessuras e, vá lá, também não tem muito que se lhes censurar...

—Chegadas de Angola, estão nesta freguesia a s.ra D. Maria Albertina Alves da Silva Ribeiro e sua filha menina Maria Madalena da Silva Ribeiro. De Lisboa até aqui, acompanhou-as sua mãe s.ra D. Albertina dos Prazeres Rodrigues Silva.

—E de mais noticias, propriamente ditas, de momento, não tenho conhecimento, o que aliás é bom sinal; pois como muito bem dizem os franceses: — pas de nouvelles bonnes nouvelles...

Ora, pois!... — C.

S. Paio, 13

As Comissões das Festas de Nossa Senhora de Fátima e de Santo André trabalham afanosamente para que as mesmas sejam muito superiores às do ano passado.

—Faleceu, no lugar do Paço, o sr. Manuel Domingues (Sistelo). Foi um pe-dreiro trabalhador e honrado. Paz à sua alma.



Isto foi há um ano. De futuro, os peregrinos serão muitos mais

benkian, de Lisboa, onde esperava me dessem uns contos para esta obra de Santa Rita. Também no Ministério da Assistência, não consegui aquillo que desejava, mas não estarão fechadas todas as portas e nestas coisas, é andar, andar sempre, que a obra, sendo de Deus, como desejamos, há-de ter dinheiro com que se faça. Nunca obra nenhuma de Deus ficou por fazer, por falta de verbas. Se elas não vierem de um lado, o Senhor se encarregará de as mandar por outro. Nós é que não podemos parar. E pronto.

Mas devemos muito, muito aos nossos amigos, aos amigos de Santa Rita, que nunca nos faltaram. E entre eles, queremos destacar a gloriosa colónia portuguesa em França, natural destas lindas terras de Melgaço. Se não fosse a França, estas obras não seguiriam tão depressa.

Alguma coisa tenho feito pelos nossos bons rapazes que trabalham, para mandar o pão às suas famílias. Alguma coisa tenho feito por eles e espero fazer ainda. Mas eu devo-lhes este trabalho. Tenho obrigação de o fazer!

**

Tínhamos necessidade de andar depressa. Bem e depressa. Desejávamos se fizesse um bocadinho do que está feito em Braga, no Bom Jesus. E mais: se lhe juntasse uma obra social. Crianças, raparigas, com as previstas es-

20\$00; De Joaquina Vieites, de Pomares, 2\$50; De Manuel José de Freitas, Cavença, S. Paio, 100\$00; De José Joaquim Lourenço, Paderna, no Canadá, 50\$00; Claudino Trancoso Costa, S. Paio, 500\$00; Do Tesoureiro, em 29-3-59, 1.133\$70; António José Alves, de Chaviães, em França, 1.000 francos; Manuel José Servio, S. Paio, em França, mais 100\$00; António Baptista Domingues, Cristóval, 100\$00; Pureza de Jesus Lopes, Cavaleiro Alvo, 25\$00; António Joaquim Durães, filho de Manuel Vitorino Durães, Carpinteira, 500\$00; D. Estefânia Gomes, de S. Gregório, no Brasil, 150\$00; Joaquina Marques, Loviô, 76\$50; Manuel Domingues Vitória, Perses, França, mais 100\$00; Mãe do Paulinho da Aldeia, 5\$00; Isaura de Jesus Domingues, Rasa, S. Paio, 100\$00; Anónimo, da Calçada, vila de Melgaço, mais 100\$00; António Rodrigues, Cavaleiro Alvo, mais 300\$00; Francisco Nazário Cardoso, das Adegas, mais 30\$00; Tesoureiro, mais 451\$70; Anónimo, Cavaleiro Alvo, 5\$00; Manuel Fernandes, da S.ra Emilia, Loviô, mais 10\$00; Por intermédio do Sr. P.e Justino, 5\$00 e mais 20\$00; Da S.ra Floriper do Rosário Sousa, Chaviães, 25\$00; Maria Vieites, Parada, 20\$00; Manuel Pires da Fonte, Parada, 62\$00; Rosa Pires Outeiro, Paços, 150\$00; Armando Domingues, Urjaz, 1.000\$00; Do Sr. Marinho, do Rio do Porto, mais 100\$00; Maria da Conceição Gregório, Cela de Couso, 6\$00; Rosa Camba, Couso,

(Continua na 4.ª página)

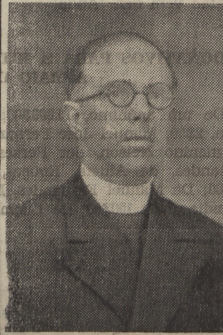
(Continua na 4.ª página)

Por Santa Rita

(Continuação da 3.ª página)

52\$50; José Lourenço, Peres, 100\$00; Vitorino Durães, Chaviães, 400\$00; Tesoureiro, 616\$50; Eduardo Rodrigues, de Cavaleiro Alvo, 150\$00; Anónimo, de Melgaço, 1.000\$00; Arlindo Gregório, Cela, Couso, 500\$00; José Travessa, Carpinteira, 20\$00; António Joaquim Trancoso, Golães, Paderne, 50\$00; João Guerreiro Quinta, Rouças, em França, 50\$00; Maria Fernandes, Eira, 15\$00; Augusto Cândido Carvalho, Deveza, França, 100\$00; Por intermédio do Sr. P. e Justino, 5\$00; Augusto Cândido Esteves, Rasa, S. Paio, 100\$00; Felizmélia Rodrigues, Peres, 70\$00; José Rodrigues, de Vila Nova de Cerveira, em França, 1.000 francos; Anónimo, de Cavaleiro Alvo, 20\$00; Anónimo, de Cavaleiro Alvo, 10\$00; Sr. Professor Manuel Rodrigues, Corçães, 50\$00; Augusto Soares, de Loviô, 100\$00; Manuel Fernandes, de Loviô, em França, 500\$00; Manuel Lourenço, S. Paio, 5.000 francos; José Cândido Codesso Veiga, S. Paio, 100\$00; Augusto Cândido Deveza, S. Paio, mais 150\$00; De um filho do Sr. Marinho, do Rio do Porto, em França, 300\$00; Manuel Cardoso, de Bilhões, em França, 2.500 francos; Mário Gonçalves, de Loviô, em França, mais 100\$00; Augusto Pires, de Vila do Conde, no Porto, 100\$00; Manuel Rodrigues, da Carpinteira, em França, 1.000 francos; De um Sr. de Riba do Mouro, 100\$00; Sr. Prof. Vaz, Rouças, 30\$00; Rosa Marques, de Loviô, 270\$00; Inocêncio Marinho, do Rio do Porto, em França, mais 615\$00; Isaura Nabeiro, vila de Melgaço, 425\$00; Uma menina de Fiães, 2\$50; Anónimo da vila de Melgaço, 20\$00; Germano Alves, 50\$00; António Gomes, Carpinteira, 50\$00; Tesoureiro, 882\$50; Hilário José Esteves, Rasa, S. Paio, 307\$50; Ilda Vaz, Loviô, 50\$00; Anónimo, da vila de Melgaço, 1.000\$00; Anónimo, dos Arcos de Valdevez, 100\$00; Albertina Vieites, dos Peres, mais 60\$00; Por intermédio do Sr. P. e Justino, da Vila de Melgaço, 18\$00; Uma Senhora de Cavaleiros, 2\$50; Ermindo Costa, da Carreira, S. Paio, 50\$00; Do Sr. Pinto de Chaviães, nas vésperas de sair para França, 1.000 francos; António Gonçalves, Aldeia, França, 50\$00; José Bento Fernandes, S. Paio, 100\$00; Por intermédio do Sr. António Esteves, de Couso, 8\$50; Do-

S. Paio, França, 30\$00; Manuel Augusto Gonçalves, Gaia, S. Paio, 1.000 francos; Vitorino Pires, Vila do Conde, 300\$00; Do Sr. Cabo Vieites e esposa, 100\$00; Armando de Carvalho, Chaviães, 500\$00; Ermezinda Fernandes, Lisboa, 20\$00; Gilberto Cardoso, Soutomendo, França, 5.000 francos; Tesoureiro, 1.250\$00; Deolinda Carvalho, Parada, 50\$00; Manuel José Domingues, Bilhões, 1.000 francos; Viúva do Sr. Rodrigues, da Carpinteira, 30\$00; Manuel Durães, Bilhões, 500\$00; Anónimo da Eira, 1\$00; Anónima da vila, 20\$00; António Joaquim Esteves, de Riba do Mouro, 50\$00; Maria Fernandes da Eira, Rouças, 100\$00; José Augusto Esteves, Convento de Fiães, 100\$00; Maria Augusta Alves, Cavaleiro Alvo, 20\$00; Sr. Tenente Lopes e sua Ex.ma Esposa, 50\$00; Manuel Fernandes, Loviô, França, 100\$00; Tesoureiro, mais 717\$00; António Rodrigues, dos Peres, mais 150\$00; António C. Brás da Fonseca, Oleiros, 80\$00; José Alves, Cavaleiro Alvo, 250\$00; José Augusto dos Santos, Cabana, Lisboa, 50\$00; José Bento Gomes, Paderne, 50\$00; Da Sra D. Ida-



P. e José Custódio

Digno Abade de Couso

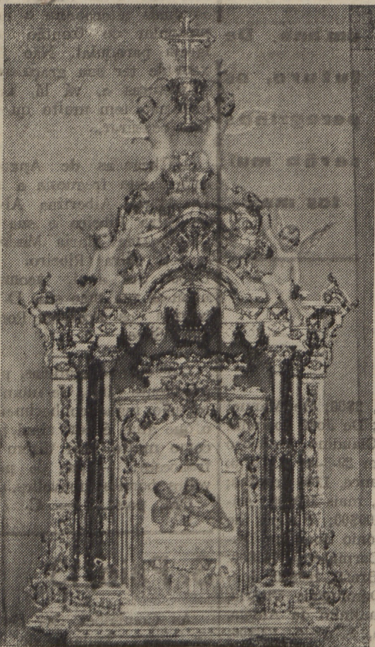
Um Sa. erdote a quem devemos muito nestas obras



P. e Justino Domingues

Digno Abade da Vila

O amigo de todas as horas destas obras



Novo Sacrário de Santa Rita

mingos Alves, Cavaleiros, França, 200\$00; António Sousa, Sobral, França, 500\$00; Sara Duque, Couso, 47\$50; Esmeralda Pereira, Cela, Couso, 10\$00; Prazeres Pereira, Couso, Cela, 20\$00; Emília Velloso, Couso, 1 medalha e 50\$00; De uma Senhora da Arrouçal, 5\$00; De uma Senhora de Chaviães, um anel; Do Tesoureiro, 684\$80; Franklin Trancoso, S. Paio, 1.000 francos; Armando Esteves, Cavaleiros, França, 100\$00; António Cardoso e Manuel Cardoso, Aldeia, Argentina, 200\$00; Manuel Domingues, Eira, França, 60\$00; Filomena de Pinho, Verdade, 25\$00; José Augusto Carpinteiro,

Não nos foi possível tomar nota de todos os oferentes de promessas a Santa Rita, do que pedimos desculpa e faremos por ser mais precisos na anotação dos nomes.

A todos, muito e muito obrigado.

Parada do Monte, 10

NASCIMENTOS — No dia 25 deu à luz uma criança do sexo feminino a s.ra Amélia Vieites, esposa do sr. Manuel Rodrigues, do lugar da Trigueira. Também deu à luz outra criança do sexo feminino a s.ra Amélia Esteves, esposa do sr. Justino Rodrigues, do lugar da Lagarteira. Mães e filhos encontram-se bem.

Vindos de França, chegaram no dia 6 os srs. José Domingues e Eduardo Rodrigues, ambos do lugar da Aldeia Grande.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Após uma gran e inverno, veio o bom tempo. Os trabalhos da lavoura estão bastante atrasados, devido à grande inverno. Mas, se Deus quiser, tudo se há de fazer, o essencial é haver saúde.

Aresar do inverno, as terras já estão a maior parte viradas.

Principiou o mês de Maria com grande afluência de fiéis. — C.

Rouças, 11

Na maternidade da Vila de Melgaço, teve dois gémeos a s.ra Júlia Valeixo, de Surribes. Mãe e filhos estão bem de saúde.

— Foi baptizada na nossa igreja paroquial uma menina filha do sr. António Marques, digno cantoneiro dos Serviços Florestais, na Penela e de sua esposa, s.ra Maria da Costa Gonçalves Pereira. Ao neo baptizado desejamos muitas felicidades.

—Lemos com muito agrado o elogio que o nosso distinto colega dos Arcos, «A Vanguarda» presta ao nosso conterrâneo e digno Chefe da P. (S. P. naquela vila. De facto o sr. Chefe Manuel Inácio Durães é dotado das melhores qualidades morais e intellectuais. Folgamos muito com o elogio feito e desejamos ao nosso ilustre conterrâneo prontas melhoras.

—Estão a fazer-se mais jazigos, para o nosso cemitério, que tem si' o dos mais pobres do concelho.

S. Paio, 13

(Continuação da 3.ª página)

—Começaram as lavriadas, havendo grande alegria no meio campestre.

—O tempo melhorou muito, transformandose em verdadeiro Verão. — C.

Morreu o dr. Júlio Outeiro Esteves

Era eu criança, ainda, quando, por força das circunstâncias—ir à farmácia local, ou acesso à caminheta para a vila,—descia do lugar da Adedela, aonde nasci, e vinha a S. Gregório.

Numa pedra ampla e confortável, à entrada da Farmácia, encontrava, frequentemente, um conjunto de pessoas, admiráveis de trato e de educação: o bondoso e seráfico Luís Pinheiro, o delicado cavaqueador do pai do Dr. Júlio, e o aguerrido e entusiasta prof. Abel Dantas.

Comecei a frequentar o Seminário, depois de haver feito o meu exame da quarta classe na escola de S. Gregório, e estes personagens começaram a ser-me familiares, e a esta familiaridade juntou-se o então Académico Júlio Esteves.

Como na Adedela funcionava a escola do padre João Vaz, muito frequentada por alunos que seguiram cursos secundários e superiores, mais tarde, e porque a ida para férias e o regresso das mesmas se fazia por S. Gregório, os laços de amizade criaram-se ao lado dos laços académicos.

No grupo dos Quatro, aos quais se juntava muitas vezes, o padre João Vaz, a morte e a vida começaram a actuar: o prof. Abel Dantas abalou para Vila do Conde, o sr. Luís Pinheiro e o pai do dr. Júlio abalaram para o Céu, e já tinha deixado o exílio o padre João Vaz.

Permanecia em S. Gregório, em companhia de Sua santa Mãe e da Esposa e Filha do dr. Júlio, médico, sabedor, e dedicado aos doentes.

Arreigado à sua casa e ao seu torrão natal era a única presença daquele simpático grupo, que honrava S. Gregório e de que S. Gregório se orgulhava.

O dr. Júlio, após a formatura médica com elevada classificação, especializou-se, e o seu consultório em Melgaço e em Monção regorgitava de clientes.

A educação paterna, a doença, que o maltratara no fim do curso médico, uma filhinha que Deus lhe levou moldaram o coração do dr. Júlio que tinha vocação médica, e exercia a profissão como um sacerdote.

De novo a doença—essa fera, que havia de derubar o Hércules—o prostrou, e, em casa e na roda dos amigos, recebeu-se pela sua vida.

Lágrimas suplicantes da família, orações da família e dos amigos, e a ciência ressuscitaram-no.

Mas a doença, fizera estragos: já não podia exercer a clínica.

O dr. Júlio, privado do exercício da sua vocação, esperou, cristãmente, que a foice da morte caísse sobre ele.

No dia 7 de Maio, às 15 horas, a sombra da morte, cobriu-lhe a casa, e o flagelo invencível levou-o deste mundo, deixando inconsoláveis Suas Esposa e Filha.

**

O Dr. Júlio Outeiro Esteves esteve conosco, na histórica reunião da Páscoa de 1946, na Santa Casa da Misericórdia, de que foi Provedor, reunião, em que se resolveu fundar este jornal, do qual foi Chefe da Redacção e Editor, durante anos.

Valvidos estes, escreveu-nos uma carta, a pedir a demissão dos cargos.

Ao estudarmos os problemas da sua substituição, suspendeu-se o nosso convívio, seguimos caminhos distintos.

Quando recebi a notícia da sua morte, fui ler o primeiro número de «A Voz de Melgaço», o qual saíra para terreiro com o artigo de fundo assinado por: Júlio Vaz, Júlio Outeiro Esteves.

Publicou-se o primeiro número deste jornal no dia da Ascensão do Senhor de 1946, e morreu o Dr. Júlio no dia da Ascensão do Senhor de 1959...

Nesta hora de dor—e a dor é mensageira do amor, no dizer de Leonardo Coimbra—não vemos o cadáver, contemplamos, saudosos, os velhos tempos em que a amizade floriu, e as primeiras horas deste jornal, em que a ansiedade e a esperança se converteram em certeza e vitória definitiva, que jamais se destruíram.

Que o dr. Júlio Outeiro Esteves, já no mundo da eternidade, e olhando para esta terra, em que nasceu, sintá que as preces são a linguagem mais sincera das almas e dos corações, e a única presença que a morte não extingue nem dissipa.

Da Vila

(Continuação da página 2)

Falecimento

—No dia 7, faleceu, na Casa das Boucinhas, subúrbios de Felgueiras, o sr. dr. Afonso Armando Nunes Maltez, de 36 anos, chefe de secção da Comissão Reguladora do Comércio de Algodão, filho da sra. D. Maria Alzira Nunes Maltez e do juiz aposentado sr. dr. Américo de Freitas Coutinho Maltez, que nesta comarca de Melgaço, foi Delegado do Procurador da República de 1916 a 1918, e juiz de Direito, desde 1925 a 1929, e que foi um dos principais fundadores da Corporação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

A família enlutada, em especial a sua viúva, sra. D. Maria de Lourdes Coelho de Faria Maltez, a seus pais e irmãs, as nossas condolências.

Mercado semanal—No mercado que ontem se realizou nesta Vila vendeu-se:

Milho a 12\$00, o meio decalitre; centeio a 15\$00 idem; feijão branco a 16\$00 idem; feijão rajado a 12\$00 e a 13\$00 idem; batatas novas a 2\$00, o quilo; cebolas a 2\$00, idem; galos, galinhas e frangos desde 28, 24 e 14\$00 cada, respectivamente; ovos a 8\$00, a dúzia; laranjas a 6\$00, idem; e sardinhas a 3\$00 idem.

Peregrinação a Fátima—Conforme em devido tempo noticiamos, saíu, hoje, desta Vila para Fátima, uma pequena peregrinação, dirigida pelo nosso muito rev. Abade, a qual deve estar de regresso no dia 15.

Boa viagem e feliz regresso é o que muito lhe desejamos.

O tempo e a agricultura—Continua a chover e a chover bem, pelo que o mildio não tarda a fazer das suas nas vinhas. Os respectivos trabalhos agrícolas continuam bastante atrasados.

D. LINA ESTEVES

Com 87 anos, faleceu na sua casa da fonte da Vila a sra. D. Lina Esteves, viúva do falecido Justiniano António Esteves.

A extinta era mãe das sras. D. Júlia e Maria Amélia Esteves, e dos srs. António Acácio e José Esteves ausente no Brasil e Manuel Esteves em África e sogra do sr. dr. Augusto César Esteves.

O seu funeral foi muito concorrido pois a bondosa senhora era muito estimada.

Hotel Águas de Melgaço

«RANHADA»

Esta casa de todos bem conhecida pelos seus excelentes tratamentos, encarrega-se tanto no Hotel, como em casas particulares de banquetes, lanches, copos de água, jantares de recepções, baptizados e casamentos, podendo levar as sobras destes.

Também se alugam os salões e cozinha, assim como a baixela, desde que esta seja utilizada dentro do Hotel.

No seu próprio interesse dirija-se à gerência.

A GERENCIA

«Aos nossos leitores, do país e do estrangeiro, rogamos uma prece por aquele, que nas primeiras horas de luta neste jornal foi nosso companheiro.

E que o Senhor o recebesse já no Seu seio, é a súplia do mais próximo dos colaboradores dessas horas...

Júlio Vaz

N. R.—«A Voz de Melgaço» apresenta à família do dr. Júlio Outeiro Esteves sentidas condolências.

Júlio de Lourdes do Outeiro Esteves, filho de António Alberto do Outeiro Esteves e de D. Luisa Teresa de Sousa Viana, nasceu, em S. Gregório, Cristóval, em 6 de Maio de 1908; formou-se em Medicina em 1933; foi presidente da Junta da sua freguesia, secretário da Santa Casa e provedor da mesma desde 1945 até à hora da sua morte; presidente da U. N. concelha, conselheiro municipal pelas Ordens, presidente da Câmara de Melgaço desde Dezembro de 1956 a Novembro do ano seguinte.

Sociedade

Aniversários

FAZEM ANOS.—Aniversário do rev. António Domingues Abade de Montaria; no dia 17 a menina Isabel Augusta de Araújo e os srs. dr. Edgar Augusto Ribeiro, Manuel dos Santos Morais e Valdemar Lourenço de Lima; no dia 18 a menina Maria do Céu Veites e o sr. Joaquim Lopes Moreira; no dia 20 a menina Leonor Lopes Gonçalves, o sr. João Ferreira Cardoso e o jovem Raúl Arménio Gomes de Sousa; no dia 21 a menina Maria Teresa Rodrigues; no dia 22 a sra. D. Sara Maria Gonçalves de Barros; no dia 24 as sras. D. Aida dos Santos Pinto e D. Amélia da Cunha Sotto Mayor Martins Moreira; no dia 25 as meninas Maria Amélia Solheiro Esteves e Maria Arminda Solheiro Pinto e o menino António Rodrigues de Araújo, no dia 27 a sra. D. Marieta Adelaide da Mota Solheiro e Macureira; no dia 28 as meninas Margarida Alves e Rosa Maria Magalhães Machado Martins Lourenço, e no dia 31 as sras. D. Amélia da Cunha Sotto Mayor Martins Rodrigues e D. Maria Amélia Pereira Inácio, a menina Maria Fernândina de Sousa Calheiros e o sr. Justiniano Gonçalves Ribeiro.

FR. ADRIANO—Chegado da Africa Oriental Portuguesa, encontra-se na Vila, em casa de sua irmã, sra. D. Maria Cândida da Costa Cerdeira, o nosso querido Amigo e zeloso missionário rev. Fr. Adriano José da Costa, a quem «A Voz de Melgaço» apresenta seus cumprimentos de boas-vindas.

Chaviões, 10

Tem a nossa junta civil da freguesia a grande oportunidade de melhorar este bom povo com alguns fontanários nos lugares que mais precisam, pois o nosso Governo no intuito de tudo fazer para dar ao povo português o que de necessário precisa e que graças a Deus está sempre bem disposto procura ajudar-nos em tudo que estiver ao seu alcance. Vai gastar ao abrigo do plano dos centenários para mais de seis mil contos em abastecimentos de água de consumo, exploração e respectivos fontanários. Ora sendo esta freguesia uma das que mais precisa destes melhoramentos, porque grande parte dos lugares não tem fontanários estando a

(Continua na 6.ª pág.)

Sobre a lua!

Fala-se, discute-se! Vamos à lua, dizem uns! Outros porém não acreditam! E, olham pr'os ares de dia pela rua, E nas trevas da noite, pensam, meditam!

Fala-se, discute-se! Na confusão! Ideias são geradas, em turbilhões! E aquele que observar com atenção, do que vê pasma: as miras aos milhões!

Lutam, debatem-se, atacam a ciência, Uns, hostis ao progresso, conservadores! E teimosamente esgotam a paciência, Aos amantes da verdade e defensores!

Não querem crer! Os jornais? São mentirosos; Os satélites? Oh, esses não existem; Tudo é propaganda! E assim teimosos, De seguir o crasso erro não desistem!

Convictos, afirmam em tom peremptório: A ignorância começa pelos sábios! E muitos há que convencem o auditório, Com frases arrancadas dos alfarfábios!

Acolá, discursa um com ar sabido, E diz solene, à extasiada gente: «É edificio em areia construído, A ciência, que ruíu completamente!»

E do que diz, apresenta a razão sua: Como se puderam esses foguetões, Mover pelo vazio? Atingir a lua? Onde s'apoia o facto dos aviões?

Do fenómeno, qual a explicação, Não conseguem aclarar os entendidos: E por isso que eu digo, e com razão, que vós, andais, todos iludidos!

Mais estulto, outro, vê a coisa feia E apresenta o problema cruciante: Tudo está bem enquanto é lua cheia, Mas, pr'a onde vão no quarto minguante?

CARALSE

Azaña

MORREU CRISTAMENTE DEPOIS DE SE TER CONFESSADO E DE TER RECEBIDO A EXTREMA-UNÇÃO

Manuel Azaña, que foi Presidente da República espanhola, morreu cristamente, como conta Mons. Pedro Maria Théas, actual Bispo de Tarbes e Lurdes, no boletim da diocese de Vich.

Foi esse Prelado quem assistiu aos últimos momentos do político espanhol, que não se distinguiu pelo amor à Igreja e ao Clero, como os nossos leitores devem recordar-se.

Eis o relato escrito pelo «Bispo de Lurdes»:

Tendo tomado posse da Catedral de Montauban a 17 de Outubro de 1940, fui no dia seguinte chamado pelo Presidente Azaña, enfermo, que residia no Hotel do Mido.

O primeiro encontro foi muito cordial.

«Volte a visitar-me todos os dias» — diz-me o Presidente, apertando-me a mão.

«Com todo o gosto» — respondi. Com efeito, todos os dias à tarde, ia conversar um pouco com o que foi Presidente da República espanhola. Falávamos da revolução, dos assassinios, dos incêndios das igrejas e conventos. Ele falava-me da impossibilidade, em que um governante se vê, de conter as multidões desenfreadas e de deter um movimento desencadeado.

Desejando eu conhecer os sentimentos íntimos do enfermo, ofereci-lhe um belo dia um crucifixo. Os seus grandes olhos abertos, logo orvalhados de lágrimas, fitaram-se um longo espaço de tempo no Cristo crucificado. Em seguida, tomou-me das mãos, levou-o aos lábios, osculando-o amorosamente por três vezes

Chaviões

Continuação da página 5

colher a água no meio de toda a inundicie e os poucos lugares que tem os respectivos fontanários estão em péssimo estado, é bom ou não melhor que a nossa Junta não se descuide dirigindo-se a quem de direito para se ir pondo ao corrente deste humanitário despacho do nosso Governo, pois é melhor prevenir do que remediar e homem prevenido vale por dois. E também lhe digo à nossa digna Junta que ao termo do seu mandato que deixe alguma coisa feita para perpetuar a sua passagem por este organismo do Estado.

DESLEIXO REVOLTANTE — Peço-se aos senhores proprietários rendeiros e caeiros que limpem os seus muros e fundais que fazem frente para as vias públicas que infelizmente devido à muita preguiça que por aqui há pois, se esta fosse mercaderia de exportação, esta freguesia podia abastecer o mundo inteiro e que em alguns é um completo matagal.

Todos sabem que estamos em pleno verão e é esta a época do povo se deslocar para toda a parte. É uma grande vergonha para nós se os que nos visitam vão com um mal dizer nos seus lábios. Vamos meus amigos não sejam preguiçosos para honrar a vossa e nossa terra, sejamos gente moderna e orgulhosa do nosso progresso e levemos ao mais alto nível a nossa querida freguesia e também se recomenda a quem de direito que uma multalinhá aqui e acolá fica muito bem. E cada qual cumbra com o seu dever. — C.

e exclamando de cada uma das vezes: «Jesus, piedade e misericórdia!» Este homem tinha fé. Após erros esquecimentos e perseguições, a fé da sua meninice e da sua juventude informava de novo o teor de vida dos seus últimos dias.

Convidei o enfermo a receber o sacramento da penitência e ele recebeu-o de muito bom grado.

Quando falei aos que o rodeavam, da administração da sagrada comunhão em forma de viático, isso foi-me negado, com estas palavras: «Isso impressioná-lo-ia». Contudo, na noite de 3 de Novembro, às 23 h., a senhora de Azaña mandou-me chamar. Acorri imediatamente ao Hotel do Mido, e na presença dos seus médicos espanhóis dos antigos colaboradores e de sua esposa, administrei a Extrema-Unção e a indulgência plenária ao moribundo, plenamente lúcido.

Depois, com as suas mãos nas minhas enquanto eu lhe sugeria algumas piedosas invocações, o Presidente expirou suavemente, no amor de Deus e na esperança da sua visão.

A 5 de Novembro, contra a vontade do Presidente e da sua viúva, foi feita pressão para que o cortejo fúnebre se encaminhasse directamente para o cemitério, impedindo-se assim a cerimónia religiosa que tinha sido prevista na Catedral.

O enterro foi civil, mas a morte fora cristã. Acaso não será isto o essencial?

Homens esquecidos, Prado, 10

(Continuação de 2.ª pag.)

bolo de Verdade, Virtude e Poder, como reza a divisa de sua família, como uma crónica coeva, diremos: — era um homem de aspecto agradável, simpático, de si so recto e sã compreensão, cheio duma energia e vontade de ferro, disposto aos mais grandes sacrificios, quando se tratava da defesa dum ideal, e um homem de tação duma força moral surgestionadora que lhe bastou para artastiar consigo a todo um povo, que dominado pela sua simpatia não encontrava as dificuldades que todas as campanhas guerreiras trazem consigo.

Nasceria, em Vilar de Crescente do Couto, em 21 de Novembro de 1770, filho de Dom João Luis Troncoso Lira e Sotomayor Saes y Queirogi e de D. Joana Barboeiro Correia y Ova. Era Dono e Senhor da Casa e Paço do Barreiro, em Vilar de Crescente e Senhor de Linhares.

Faleceu aos 46 anos de idade, sendo cônego na cidade de Santiago, onde foi sepultado.

Prefaz-se, agora século e meio sobre estas façanhas. A cidade de Tui e todas as de sua desaparecida provincia, tem em aberto uma cidade do gratidão e reconhecimento para com este Caudillo e Senhor, que aban donou a paz da sua Casa-Paço, para servir a Deus, à Pátria e ao seu Rei.

O artigo é illustrado com um brasão heráldico, com a indicação de «Armas de los Troncosos», mas que rigorosamente são as dos Troncosos-Sotomayores.

MÁRIO

Para a história da freguesia A Confraria do Senhor — (6)

Ora feitos e votados, e assinados pela quase totalidade dos chefes de família que então residiam na freguesia, foram os mesmos estatutos levados a Monção, para aprovação do respectivo provedor, levando, a fls. 13, lavrada a petição do teor seguinte:

«Dizem os offies da Confraria do Sr. da frega de S. Lourenço de Prado, termo de Melgaco, que elles Supp.tes aprezentão os Estatutos aprezent'pa Serem aprovados por V. m. ce portanto

P. a V. m. ce seja servido mandar lhe passar Alvara de Confirmação na forma do Estillo

E. R. M. ces

Petição que obteve o seguinte despacho:

«Vista ao Promotor do Juizo Cunha».

E logo o promotor escreveu:

«Sr. D. or Provedor

A vista dos Estatutos parece estar nos termos de selhe passar Alvara de confirmação

Monção 12 de Dez.br.o de 1791

Dom. os Joze Mar. os

Pelo que o provedor voltou a despachar:

«P. Alv. naforma do estillo».

Monção 12 de Dezembro de 1791

Cunha»

Sendo, finalmente, passado a fls. 13 V. e 14 o seguinte alvara:

«Alvara de Confirmação

O Doutor Bernardo Joze da Cunha Gusmão de Vesconcellos cavaleiro profeco na Ordem de Christo Fidalgo daCaza Real do De-

zembargo de Sua Magestade Seu Provedor e Contador da Real Fazenda com alçada nesta comarca da Villa de Vianna foz do Lima. Faço

saver aos que oprezente Alvara virem em como hei por bem aprovar e confirmar os Estatutos retro na forma da resposta do Promotor do Juizo para oque

lhe entreponho minha authoridade ordinária em decreto judicial F. o Dado nesta Villa de Monção aos 12 de Dezembro de 1791

Decta 80 e deassinatura e sello setenta e oito reis e Eu António Joze Pereira Caldas Escrivão da Provedoria osobservey

Berndo Joze da Cunha Gão e Vas. los

P. a V. ce Ao celo 18

78 Vss. Ex. a

Cunha»

NOTA — No ultimo numero, na 5.ª linha, onde se

(Continua na página 3)

(De «A Voz»)